



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Educação - UAB/UnB/ MEC/SECADI  
II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e  
Cidadania, com Ênfase em EJA / 2013-2014

RAIMUNDO DE JESUS SILVEIRA  
RAFAELA VILARINHO MESQUITA  
LEONEL GUIMARÃES DO NASCIMENTO

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA LITERATURA MODERNISTA  
BRASILEIRA NA FORMAÇÃO CRÍTICA DO ALUNO DA  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

BRASÍLIA-DF

Abril/2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Educação - UAB/UnB/ MEC/SECADI  
II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e  
Cidadania, com Ênfase em EJA / 2013-2014

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA LITERATURA MODERNISTA  
BRASILEIRA NA FORMAÇÃO CRÍTICA DO ALUNO DA  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

RAIMUNDO DE JESUS SILVEIRA  
RAFAELA VILARINHO MESQUITA  
LEONEL GUIMARÃES DO NASCIMENTO

ORIENTADORA: Marcela Souto de O. Cabral  
CO-ORIENTADORA: Maria do Socorro da S. Guimarães

PROJETO DE INTERVENÇÃO

BRASÍLIA-DF, Abril/2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Faculdade de Educação - UAB/UnB/ MEC/SECADI  
II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e  
Cidadania, com Ênfase em EJA / 2013-2014

RAIMUNDO DE JESUS SILVEIRA  
RAFAELA VILARINHO MESQUITA  
LEONEL GUIMARÃES DO NASCIMENTO

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA LITERATURA MODERNISTA  
BRASILEIRA NA FORMAÇÃO CRÍTICA DO ALUNO DA  
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de conclusão do II Curso de  
Especialização em Educação na Diversidade e  
Cidadania, com Ênfase em EJA/2013-2014,  
como parte dos requisitos necessários para  
obtenção do grau de Especialista na Educação  
de Jovens e Adultos.

---

Professora Orientadora Marcela Souto de O. Cabral

---

Tutora Orientadora Maria do Socorro da S. Guimarães

---

Avaliador Externo Profª Drª Maria do Rosário do Nascimento Ribeiro Alves

BRASÍLIA-DF, Abril/2014

## LER PALAVRAS, LER O MUNDO

“O que é que eu quero dizer com dicotomia entre ler as palavras e ler o mundo?

Minha impressão é que a escola está aumentando a distância entre as palavras que lemos e o mundo em que vivemos. Nessa dicotomia, o mundo da leitura é só o mundo do processo de escolarização, um mundo fechado, isolado do mundo onde vivemos experiências sobre as quais não lemos. Ao ler palavras, a escola se torna um lugar especial que nos ensina a ler apenas as "palavras da escola", e não as "palavras da realidade". O outro mundo, o mundo dos fatos, o mundo da vida, o mundo no qual os eventos estão muito vivos, o mundo das lutas, o mundo da discriminação e da crise econômica (todas essas coisas estão aí), não tem contato algum com os alunos na escola através das palavras que a escola exige que eles leiam.

Você pode pensar nessa dicotomia como uma espécie de "cultura do silêncio" imposta aos estudantes. A leitura da escola mantém silêncio a respeito do mundo da experiência, e o mundo da experiência é silenciado sem seus textos críticos próprios.”

Paulo Freire

Medo e ousadia: o cotidiano do professor, p. 164.

## **RESUMO**

Entender os fatores de relevância para as ações escolares a fim de possibilitar o progresso da escola na formação de cidadãos, partindo da importância do ato de ler, é questão indispensável para a intervenção proposta. Neste sentido, este trabalho busca oferecer uma reflexão sobre a importância da leitura no processo de formação crítica dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos por meio do estudo da Literatura Modernista Brasileira e discutir as relações existentes entre desigualdades sociais, exclusão e prática de leitura. É apresentada uma descrição dos projetos desenvolvidos durante a aplicação deste trabalho, os quais buscaram oportunizar, à comunidade a que se destina, a construção de uma visão autônoma, crítica e reflexiva através do desenvolvimento e consolidação da prática da leitura.

Palavras-chave: Leitura. Sociedade. Práticas pedagógicas. Cidadania. Literatura.

## **ABSTRACT**

Understand the factors of relevance for educational actions in order to allow the school's progress in the formation of citizens, taking into account the importance of the Act of reading, is a matter essential to the proposed intervention. In this sense, this work seeks to offer a reflection on the importance of reading in the critical formation of the subjects of Education of Youth and Adults through the study of Brazilian Literature Modernist process and discuss the relationship between social inequality, exclusion and reading practice. There is a description of the projects developed during the implementation of this work, which ones sought to create opportunities, to the community it is intended for, the construction of an autonomous, critical and reflective vision through the development and consolidation of the practice of reading.

**Keywords:** Reading. Society. Pedagogical practices. Citizenship. Literature.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 01 ..... 24

Figura 02 ..... 24

## SUMÁRIO

1 – Dados de identificação do(s) proponente(s) .....	9
2 – Dados de identificação do Projeto.....	9
2.1 – Título .....	9
2.2 – Área de abrangência .....	9
2.3 – Instituição .....	9
2.4 – Público ao qual se destina.....	10
2.5 – Período de execução.....	11
3 – Ambiente institucional .....	11
3.1 – Sala de leitura .....	12
4 – Justificativa/ caracterização do problema/ marco teórico .....	12
4.1 – Leitura, escola e sociedade .....	14
4.2 – A formação do leitor .....	16
4.3 – A leitura em sala de aula .....	17
4.4 – Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores (EJAT) .....	20
5 – Objetivos.....	22
5.1 – Objetivo geral .....	22
5.2 – Objetivos específicos.....	22
6 – Atividades/responsabilidades.....	22
7 – Cronograma.....	26
8 – Parceiros .....	26
9 – Orçamento.....	26
10 – Acompanhamento e avaliação .....	27
11 – Referências .....	27



## **PROJETO DE INTERVENÇÃO LOCAL**

### **1 – Dados de identificação do(s) proponente(s):**

#### **Nome(s):**

Raimundo de Jesus Silveira

Rafaela Vilarinho Mesquita

Leonel Guimarães do Nascimento

#### **Grupo:**

Turmas J e H

Grupo 16 - PO: Marcela e TO: Socorro

#### **Informações para contato:**

Telefone(s):

### **2 – Dados de identificação do Projeto:**

#### **2.1 – Título:**

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA LITERATURA MODERNISTA BRASILEIRA NA  
FORMAÇÃO CRÍTICA DO ALUNO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

#### **2.2 – Área de abrangência:**

( ) Nacional ( ) Regional ( ) Estadual ( ) Municipal ( ) Distrital (X) Local

#### **2.3 – Instituição:**

##### **Nome/ Endereço**

Centro de Ensino Médio 404 de Santa Maria

Endereço: CL 404 Área Especial Santa Maria - DF

**Instância institucional de decisão:**

- Governo: ( ) Estadual ( ) Municipal (X) DF
- Secretaria de Educação: ( ) Estadual ( ) Municipal (X) DF
- Conselho de Educação: ( ) Estadual ( ) Municipal (X) DF
- Escola: (X) Conselho Escolar
- Outros: \_\_\_\_\_

**2.4 – Público ao qual se destina:**

O presente projeto tem por escopo atender aos alunos do 3º semestre do 3º segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) – etapa correspondente ao último ano do ensino médio da Educação Básica – do Centro de Ensino Médio 404 de Santa Maria (CEM 404).

A Educação de Jovens e Adultos recebe um público diversificado e diferenciado, exigindo que ações pedagógicas estejam voltadas para o entendimento e aproveitamento dessa diversidade em sala de aula. As três turmas do período noturno para as quais as atividades serão aplicadas são compostas por um total de 96 alunos, dos quais 61 são mulheres e 35 são homens, entre 18 e 64 anos. A pesquisa aplicada aos discentes atendidos no período noturno do CEM 404 de Santa Maria, com o objetivo de traçar o perfil sócio-econômico-cultural dos alunos, constatou que a maior parte dos estudantes migrou de diversos estados brasileiros, principalmente da região nordeste. Os padrões de renda são bastante variados, porém, com certa uniformidade econômica e cultural típica de uma cidade de assentamento, carente e de periferia urbana. O levantamento preliminar do perfil ocupacional e/ou profissional dos estudantes da EJA aponta que 40% são trabalhadores assalariados e com carteira de trabalho assinada (nos cargos de trabalhador de carga e descarga de mercadorias, técnico em canteiro de obras de construção civil, pedreiro, secretaria, recepcionista, cuidador de idosos, porteiro, segurança, supervisor, vendedor, assistente de serviços gerais, balconista e cozinheira); 25% são apenas estudantes (desempregados, aposentados, pensionistas ou donas de casa); 20% são trabalhadores autônomos (pintor, marceneiro, serralheiro, manicure, cabeleireira, pedreiro e diarista); 10% são trabalhadores informais (vendedor ambulante) e 5% são pequeno-empresários. Em síntese, os estudantes da EJA são em sua maioria trabalhadores que buscam uma profissão rentável e um maior conhecimento na tentativa de construção de uma vida melhor. A EJA

ainda é uma modalidade de ensino que necessita de políticas educacionais específicas que atendam a especificidade do aluno.

No que se refere ao perfil pedagógico dos alunos, a maioria apresenta dificuldades de leitura e entendimento da mensagem do texto, uma vez que muitos pararam de estudar há vários anos e/ou tiveram uma alfabetização deficiente, devido a vários fatores, como as condições precárias da escola rural, onde muitos tiveram contato pela primeira vez com os livros escolares ou “as letras”. Muitos destes alunos recorreram à EJA a fim de concluir mais rapidamente o Ensino Médio e/ou fugindo de repetidas reprovações no ensino regular.

## **2.5 – Período de execução:**

**Início (mês/ano)** 03/2014

**Término:** 04/2014

## **3 – Ambiente institucional:**

Situado na CL 404 área especial de Santa Maria, o CEM 404 oficializou-se através da Resolução nº 6.549 de 19/05/1999 pelo Conselho Diretor da Secretaria de Educação do Distrito Federal para atender à demanda de alunos concluintes do Ensino Fundamental e de alunos que estudavam no Gama, devido à falta de um Centro de Ensino Médio em Santa Maria Sul.

Inicialmente era um Centro de Ensino que oferecia vagas para alunos de 7ª e 8ª séries no turno matutino e ensino médio no turno vespertino. Quanto ao noturno, eram oferecidas 19 turmas de Ensino Médio regular, utilizando também a sala de vídeo e múltiplo uso. Mesmo assim, não foi possível atender à demanda de alunos que estavam ingressando no Ensino Médio. Para solucionar o problema, foi necessária a utilização de 14 salas cedidas pelo Centro de Ensino Fundamental 308 de Santa Maria, que já oferecia o Ensino Médio em caráter provisório entre 1996 e 1998. Em 2000, para suprir tal carência, foi instituído o CEM 404, oferecendo o curso regular no diurno para 1500 alunos e no noturno para 725 alunos. Somente no início deste ano, 2014, a escola passou a atender no noturno, além do Ensino Médio Regular, o terceiro segmento da Educação de Jovens e Adultos. Da criação do CEM 404 (1999) até 2003, um dos maiores entraves enfrentado foi com a falta de professores efetivos, que impossibilitou a construção de um trabalho sistemático. Hoje, com aproximadamente 80% de professores efetivos no diurno e noturno, a escola vivencia um planejamento mais integrado com um espaço contínuo de socialização.

Diante da realidade da comunidade em que está inserido, o CEM 404 propõe-se a atuar e estimular a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade, a afetividade, a

construção de identidades em todas as áreas e disciplinas, de identidades sensíveis e igualitárias, a possibilitar o reconhecimento dos direitos humanos e dos deveres e direitos da cidadania e a incorporação da solidariedade, a promover a responsabilidade e reciprocidade nas esferas pessoais e sociais observando princípios e valores que estão relacionados, e contribuem para a consolidação das aprendizagens significativas e a integração ao contexto local, nacional e global.

O Centro de Ensino Médio 404 de Santa Maria tem estrutura física adequada para atender todas as necessidades dos alunos matriculados na escola. O corpo discente conta com: 18 salas de aula (a escola adota o sistema de sala ambiente); sala do Projeto Xadrez; sala de leitura; três laboratórios (informática, matemática e física, química e biologia); sala de recursos; sala de vídeo (pode ser utilizada como sala de aula); sala de múltiplo uso; secretaria; S.O.E (Serviço de Orientação Educacional); sala para atendimento ao aluno (disciplinar); sala da direção; sala da vice-direção e supervisão pedagógica; sala de coordenação; sala de professores, sala do administrativo da escola; sala para servidores em geral; mecanografia; cantina/refeitório; depósitos de material de limpeza e de material pedagógico; dois banheiros masculinos; dois banheiros femininos; dois banheiros para professores e dois banheiros para atendimento aos alunos portadores de necessidades especiais.

Visando possibilitar a consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental e preparar o estudante para grandes exames (como o PAS, ENEM, vestibulares e concursos), para o mundo do trabalho e para o exercício da cidadania, o CEM 404 desenvolve alguns Projetos Institucionais e interdisciplinares, como: *Projeto Xadrez na escola*; *Projeto de Consciência Negra e Diversidade Cultural: Qual é a Cor do meu País?* e *Projeto Coral CEM 404*.

### **3.1 – Sala de Leitura**

A sala de leitura da escola é um local privilegiado, pois possui um bom acervo com livros de diferentes áreas, assuntos, gêneros e formatos e em quantidades favoráveis. Os professores de Língua Portuguesa são estimulados a utilizar o espaço para desenvolver ações referentes à leitura e produção de textos com os grupos de estudantes.

Este espaço funciona nos três turnos em que a escola recebe alunos, no noturno das 19h às 23h, de segunda à sexta, e visa favorecer o processo de ensino aprendizagem no Centro de Ensino Médio 404 de Santa Maria – DF, bem como auxiliar os alunos, professores e comunidade, subsidiando-os com orientações técnicas que facilitem a organização e a

consulta do acervo, como também, apresentar sugestões de atividades de incentivo à leitura e estudos sistemáticos.

#### **4 – Justificativa / caracterização do problema / marco teórico do problema:**

Na sociedade letrada atual, saber ler e atribuir significado ao que se lê é extremamente importante, pois se trata de uma competência decisiva à inclusão ou marginalização de uma pessoa. Sendo a leitura um dos fatores de definição das desigualdades sociais, para que todos tenham a oportunidade de se fortalecerem como cidadãos, de fato e de direito, é dever da escola, além de oportunizar o acesso à leitura, conscientizar o educando acerca do caráter emancipatório que ela tem.

Partindo da realidade que encontramos em sala de aula e da premissa de que ensinar não significa transmitir conhecimento, mas sim criar possibilidade ao educando para formação/construção desse conhecimento, é facilmente perceptível que os alunos que procuram a Educação de Jovens e Adultos precisam ser estimulados a perceber o papel e a importância da prática da leitura na construção do conhecimento e, mais que isso, a importância de buscar o desenvolvimento da curiosidade crítica para a construção da cidadania. Com a prática diária, percebemos que o maior problema a ser enfrentado é que os alunos não conhecem e não valorizam a identidade cultural do grupo que busca a EJA, muitos deles estão carregados de preconceitos contra a educação que receberem e acreditam estarem fadados à marginalização, confinados e impedidos de participar do meio social, também por isso não demonstram interesse pela leitura e pelos processos sociais nos quais estão envolvidos. Assim, intervir nas práticas pedagógicas ligadas à leitura significa dar um novo passo para suscitar a reflexão acerca da real importância do ato de ler na formação do cidadão.

Segundo Paulo Freire (1982), em *“A importância do ato de ler”*, a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. Assim, a adequada compreensão de um texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica na percepção das relações entre texto e contexto, garantindo o direcionamento do leitor de modo que ele veja o mundo de maneira mais abrangente, mais inteligente, tornando-se um cidadão produtivo e participante ativo da sociedade em que vive.

A leitura é um importante instrumento para o processo de reconstrução da sociedade e tal mecanismo é constituído de condições para que o homem se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor de conhecimentos. Silva (2002, p. 75), concebe a leitura a partir das considerações sociais

presentes na realidade brasileira. "Ler é um direito de todos e, ao mesmo tempo, um instrumento de combate à alienação e à ignorância". A leitura como função social deve estar relacionada com uma liberdade na leitura por prazer, compreender e criticar o que foi lido. No contexto de um projeto de educação democrática, vem à frente a habilidade de leitura, essencial para quem quer ou precisa ler jornais, assinar contratos de trabalho, procurar emprego através de anúncios, solicitar documento na polícia, enfim, para todos aqueles que participavam dos circuitos da sociedade moderna, que fez da escrita seu código oficial. Assim,

Tratar de um tema multiface, como é o caso da leitura, é sempre um risco. Risco que se apresenta de duas formas: ou bem o especialista restringe-se ao ponto de vista de sua disciplina, excluindo outros em nome da conveniência de delimitar a questão, ou bem "corre à rédea solta na multidisciplinaridade e cai numa deriva que leva frequentemente a deixar o campo de sua disciplina para tudo dizer, tudo descrever, ser especialista em tudo e de fato nada dizer. (FALLI, 1988, p.74)

O ato de ler é fator definidor das desigualdades sociais, já que os processos que promovem a aproximação do indivíduo com o mundo da escrita refletem o triste cenário da população brasileira na atualidade, através das práticas escolares e das diferentes possibilidades de acesso ao universo das letras e aos meios físicos dos textos.

Propositando enforçar os principais problemas existentes no Brasil atualmente no que tange a disseminação e incentivo da leitura em sala de aula da EJA e na sociedade – tanto no sentido psicológico/cognitivo, como no que diz respeito à orientação da metodologia para a prática de leitura, interpretação, compreensão e decodificação textual no ensino brasileiro e a organização das classes sociais a partir da recepção e incentivo que cada uma dá a esses processos – buscamos desenvolver um panorama que parte da identificação das deficiências, em um determinado aspecto do ensino e em suas diversas etapas, a fim de promover o acesso à leitura e a aplicação da leitura para a emancipação do sujeito leitor.

Partindo das nossas experiências e percebendo que a Educação de Jovens e Adultos apresenta um cenário resultante de deficiências históricas no que diz respeito às práticas de leitura, pretendemos entender os fatores de relevância para as ações escolares a fim de transformar a realidade atual e possibilitar progresso da escola na formação de cidadãos. É de extrema relevância que as relações entre leitura, aluno, sala de aula, tecnologias e ambiente social no qual o indivíduo está inserido sejam discutidas para que o cerne da proposta de intervenção seja alcançado.

#### **4.1 – Leitura, escola e sociedade**

Estamos inseridos em uma sociedade globalizada a partir da qual desigualdades e exclusão tornam-se elementos comuns nas relações humanas. Nesse contexto, faz-se indispensável revalidar os conceitos de educação e leitura, fomentando, assim, o debate e a reflexão sobre a dinâmica que se estabelece entre processos de escolarização e práticas de leitura e usos sociais da leitura aprendida.

Partindo da análise sociológica da leitura e dos papéis sociais que a definem no cenário atual, negar a natureza social desse processo torna-se indubitável, visto que, o desenvolvimento das competências e habilidades do ato de ler gira em torno da inserção do indivíduo na sociedade.

A dimensão social da leitura, segundo Zilberman (1988), torna-se evidente quando lembramos que o seu exercício está vinculado a, pelo menos, três fatores: um sistema – o da escrita; um processo – o de alfabetização; e um conjunto de valores – postula a importância do domínio da leitura. A escola tornou-se o grande representante do conjunto de fatores elucidados pela autora, por patentear a correlação direta entre eles.

A instituição educacional transformou-se na principal responsável pela socialização da escrita e da leitura através do processo de alfabetização, no entanto, esquecemos que o papel da escola é secundário ao de outro núcleo da sociedade, a família. As funções desses diferentes e complementares núcleos sociais entrelaçam-se e confundem-se, estabelecendo uma relação de interdependência entre um e outro. Todavia, ao passo que na escola a leitura está relacionada a uma atividade formal e obrigatória, a família, enquanto fragmento da sociedade, é privilegiada por representar um espaço privado e de convivência intensa, neste caso, torna-se mais habilitada para colocar o aluno no caminho do gosto pela leitura.

Por conseguinte, a escola precisa do apoio efetivo de todas as esferas da sociedade para representar um ambiente de transformação social. Considerando as atribuições conferidas à escola constatamos que a sociedade transfere suas obrigações – enquanto formadora de cidadãos críticos – atribuindo quaisquer falhas à instituição de ensino; grande parte das famílias não contribui com a prática da leitura, o que dificulta, ainda mais, ações que visem modificar o sistema educacional em voga. A sociedade determina as práticas escolares e a escola, por sua vez, determina a prática da leitura.

A escola distingue os indivíduos, assim como faz qualquer outro segmento reflexo da sociedade, e o faz a partir das desiguais oportunidades de alfabetização, de aproximação e incentivo ao hábito de ler. Essa conotação ideológica é apoiada na organização da sociedade, dividida em classes menos e mais privilegiadas; as instituições de ensino como difusoras do sistema social estabelecido postulam o fato de a natureza social da leitura se complementar nas dimensões histórica e econômica.

No entanto, conforme orientação de Zilberman (1988), cabe à escola definir seu papel social frente à leitura: ou se confirma enquanto lugar de transmissão de uma ideologia que considera a aquisição do saber o passaporte para a ascensão, ou escolhe alterar seu modo de ação deixando de reproduzir as exigências da classe dominante e preferindo às necessidades dos grupos emergentes.

Num contexto atual, em que a educação não é considerada como artigo de necessidade básica e a difusão da leitura conta pouco entre os projetos atuais da sociedade capitalista, a escola, instituição social, precisa preparar o indivíduo para não apenas decifrar símbolos, mas ser capaz de compreender a palavra e dar efeito à comunicação escrita. Ter o domínio da habilidade de leitura proficiente garante o exercício da cidadania, o acesso aos bens culturais e a inclusão social; o indivíduo que lê pode participar de forma efetiva na construção e reconstrução da sociedade e de si mesmo.

#### **4.2 – A formação do leitor**

Tem aqueles que nunca leram e têm vergonha, os que não têm mais tempo de ler e os cultivam o remorso, há os que não lêem romances, só livros *úteis*, ensaios, obras técnicas, biografias, livros de história, há os que ‘devoram’ e têm olhos que brilham, há os que só lêem os clássicos, (...) os que passaram a sua maturidade a ‘reler’ e aqueles que leram o último livro tal e o último tal outro, porque é preciso (...) estar atualizado. (PENNAC, 2008, p. 62)

A formação de leitores manifesta-se na atualidade como prioridade no processo no ensino-aprendizagem e grande desafio da sociedade como um todo. Para o sucesso dessa ação é imprescindível que suscitemos reflexões acerca da leitura, dos instrumentos a serem fornecidos para a sua prática e dos tipos de leitores que formamos e os que queremos.

Toda a sociedade tem ciência do quão necessário é a apropriação do hábito de ler, frequentemente fazemos apologia a sua importância e proferimos discursos politicamente corretos quanto à leitura, mas somente alertar para a necessidade de ler não é suficiente para formar leitores. Conforme afirmam Maria Lúcia Hage Masini e Suzana Magalhães Maia (1988), não desejamos comentar aqueles que não fazem aquilo que também não fazemos: ler. Precisamos servir de exemplo para aqueles que pretendemos iniciar no mundo das letras.

Formamos indivíduos capazes de decifrar códigos linguísticos, sem, no entanto, compreender o que lêem. Podemos dizer que formamos ledores – indivíduos habilitados para ler vorazmente centenas de palavras – mas não formamos efetivamente leitores, seres dotados de saber crítico. Saber ler criticamente significa instituir-se como ser incluído em um contexto social, político, cultural e principalmente econômico.



Sociedade e escola devem oportunizar a leitura em todas as esferas sociais visando à formação de leitores. Para Bamberger (1987), a oportunidade de ler representa um papel decisivo no despertar interesses pela leitura, assim, não devemos restringir à escola o ambiente de leitura do aluno, visto que, o ambiente no qual o indivíduo está inserido determina sua aproximação com o mundo das palavras – sociedade e escola realizando as mesmas práticas.

A formação do indivíduo deve iniciar-se no âmbito da família e ter o ambiente escolar, os professores, as bibliotecas, as práticas pedagógicas como mediadores. O contato com a leitura através dos pais constrói bases fortes para que o sujeito não tenha dificuldades em tornar-se um bom leitor; se crianças vêem os adultos lendo em sua casa desde cedo, possivelmente não encararão a leitura na escola uma obrigação odiosa. Os alunos da Educação de Jovens e Adultos trabalhadores serão os formadores dos seus filhos, de suas famílias e contribuirão em seus lares para a aproximação da leitura ou não.

Outro fator de relevância é a formação dos professores enquanto leitores, já que o leitor em formação tende a ser reflexo daqueles que o cercam e incentivam, mais que de orientação ele precisam de exemplo. A prática da leitura é contagiosa e fazer dela uma vivência do dia a dia refere-se diretamente à formação de leitores críticos.

Segundo João Wanderley Geraldi (1988), em *A leitura em sala de aula*,

se a escola é um dos lugares sociais privilegiados de acesso à leitura, outro paradoxo deve ser acrescentado (...), para quem ensina a ler, para quem tem por obrigação formar leitores, inexistem condições sociais de leitura. Os professores, num processo histórico que já se revela no nascedouro da universalidade da escola, estão concretamente hoje afastados do livro e das bibliotecas pelas condições de trabalho e de salário.

De acordo com a professora Rosa Amélia Pereira da Silva (2006), “conclui-se que se é leitor desde o nascimento. Ainda criança, apesar de não ser alfabetizado, existe a possibilidade de um leitor sagaz, que busca compreender situações e atuar para modificá-las, ou até mesmo criá-las, operando junto com o outro, numa construção dialógica de significados”, assim, o incentivo ao hábito de ler torna-se apenas um reforço para habilidades inatas, a fim de despertar a leitura enquanto sonho, pensamento, fantasia e criatividade.

#### **4.3 – A leitura em sala de aula**

Segundo Maria Lúcia Hage Masini e Suzana Magalhães Maia (1988) “o objetivo primeiro da ação educativa é a transformação da relação cidadão-sociedade, já que é nesta

que os programas educacionais se circunscrevem”. Darcy Borges de Castilhos complementa dizendo que o objetivo geral da escola é

valorizar o ser humano, objetivando seu desenvolvimento bio-psico-social e cultural, respeitando e considerando as diferenças e as identidades pessoais e coletivas constituintes do seu contexto, proporcionando-lhe um processo de escolaridade que privilegie conhecimentos, habilidades e competências que lhes possibilitem aprender de forma significativa e agir criticamente na sociedade, instrumentalizando-o para o exercício da cidadania com valores baseados na solidariedade, na colaboração, na participação e na responsabilidade.

Trabalhar com leitura em sala de aula deve gerar sujeitos que não apenas existam na sociedade, mas que sejam capazes de questioná-la e transformá-la. No entanto, as práticas pedagógicas de aprendizagem não estão, necessariamente, sempre vinculadas a estes preceitos e, se estão, não são desenvolvidas como forma de torná-los reais. Segundo Geraldi,

Numa sociedade onde a leitura não é uma prática social, *ler na sala de aula* para construir possibilidades, construir significações, torna-se perigosa subversão. Lutar por ela é lutar, onde se está, contra o *status quo*. (GERALDI, 1987, p. 15)

O autor afirma que incentivar a leitura não significa possibilitar o acesso efetivamente, a escola deve criar condições especiais que facilitem e intensifiquem a aproximação com o livro e o gosto pela leitura.

O livro – mesmo diante das diferentes formas de estabelecer contato com um texto na atualidade – ainda é o mediador na comunicação entre o professor e o aluno, entre a leitura e a formação do leitor. Entretanto, o livro não é de acesso fácil para todos. Silva (1987, p. 36) salienta que a grande massa da população, sem condições de estudar ou mesmo de adquirir livros, aderiu aos meios diretos de comunicação preterindo a leitura; alguns, no entanto, lutam contra as dificuldades para ter acesso ao mundo letrado.

Muitas vezes esse é um leitor quase heróico, que consegue, de alguma forma - em igrejas, por empréstimos de amigos, por meio da escola ou das poucas e precárias bibliotecas existentes - superar os obstáculos que lhe são impostos e chegar até o livro, contra quase todas as probabilidades. (MAUÉS, 2002, p. 38)

Embora condições sociais limitem o acesso ao livro, o gosto pela leitura é limitado em sala de aula por questões culturais. A leitura no ambiente escolar é concebida somente como uma prática obrigatória e para fins de avaliação, o que dificilmente estimulará, por si só, o gosto do aluno.

A sala de aula vincula o ensino à capacidade de repetir, o aluno enquanto leitor é levado a ler resumos da bibliografia indicada pelo professor para fazer provas, ou mesmo a ler os livros, mas não para compreendê-los e sim para localizar melhor nos textos as respostas, que devem ser literalmente iguais ao texto, às perguntas de questionários.

Maria Lúcia Hage Masini e Suzana Magalhães Maia (1988), em *A Leitura Enquanto Prática Social e a Intervenção da Escola*, ainda explicam que

temos uma leitura como prática mecânica de aprendizagem. Temos uma escola que se arvora no direito de formar os leitores dessa sociedade, sem que a mesma seja considerada dentro do ambiente escolar. E é esta mesma escola que quer discutir a leitura como prática social, articulada com as demais práticas que ocorrerem em uma sociedade. (MASINI & MAIA, 1988, p. 77)

Nesse contexto de leitura obrigatória ainda podemos incluir o cânone a partir do qual a leitura é concebida, tanto na sociedade, quanto na escola. Só consideramos digno de nota os livros conceituados e ovacionados por uma elite que dita regras. As práticas escolares não consideram relevante qualquer tipo de leitura e incutem no aluno a ideia de que ler qualquer texto não significa ler efetivamente.

A dificuldade que o aluno constrói a cerca da leitura está intimamente relacionada com as representações dadas a ela; com o viés indicado para a discussão do texto e com as limitações estabelecidas pela impossibilidade de diálogo entre textos e contextos experimentados pelo educando, pela construção de conceitos equivocados quanto à função da leitura escolar que muitas vezes é simplesmente relacionada com o aumento de vocabulário e o domínio das normas cultas da língua. O texto como pretexto do fazer pedagógico perde essencialmente o seu caráter multifacetado e torna-se instrumento de coação e gerador de aversão por parte dos alunos. Para melhor elucidar a questão, o aluno precisa e deve ter contato gradual com a maior diversidade de textos possível para que, somente assim, possa se familiarizar com diferentes tipos de linguagens articuladas textualmente e trilhar ao longo do processo de formação sua evolução frente ao texto e sua compreensão.

O importante é ler. Ler independentemente do autor e da obra que se leia. A sala de aula passará a ser o melhor ambiente para o incentivo à leitura quando o professor partir das experiências de cada aluno para alimentar a leitura, quando entendermos que o aluno deve começar a ler a partir do que lhe desperte o interesse, seja livros, jornais ou mesmo bulas de remédio, manuais de instrução, revistas em quadrinhos. Somente assim, depois que tomar gosto pela leitura, poderá entender e gostar das bibliografias clássicas que, indiscutivelmente, têm seu valor e devem ser lidas.

Leitura e escrita precisam ser entendidas como compromisso de toda a escola, como aprendizagem a ser desenvolvida por todos os professores, e não exclusivamente pelo professor de Língua Portuguesa. Aprender em qualquer disciplina da escola está vinculado à compreensão e interpretação do que se lê; desta forma, é função de todas as áreas do conhecimento trabalhar a leitura em sala de aula. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) alertam para essa necessidade de superar em sala de aula o isolamento entre as áreas, já que objetivamos produzir conhecimento interdisciplinar e múltiplo.

Cabe a escola-professor (conjunto formado pela escola enquanto grupo social modificador, modificado, e constituído por indivíduos e pelo professor como representante da instituição escolar no processo de ensino-aprendizagem) harmonizar os fatores significativos para o uso da leitura e para o processo reflexivo da ação de ler, buscando salientar a função social da leitura como nos lembra a autora Marisa Lajolo, em *O texto não é pretexto*, quando diz que

ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1982)

O verdadeiro propósito da reflexão que o professor deve fazer do trabalho com o texto em sala de aula deve ser o de conferir a cada texto a unidade significativa que é tão indispensável, visando vincular a atividade crítica à leitura.

#### **4.4 – Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores (EJAT)**

Segundo Friedrich Engels (1876), o trabalho socializa e humaniza o homem, o homem utiliza o trabalho para construir uma relação consigo mesmo, com a natureza e com os outros que vivem ao seu lado em função do trabalho. É por meio do trabalho que o homem evoluiu socialmente e fisicamente ao longo da história.

Enquanto os macacos (animais mais próximos do homem em se tratando de evolução física e mental) utilizam o trabalho para se alimentar e sobreviver, o homem faz do trabalho o meio para transformar e modificar o meio, não somente para sobreviver e alimentar-se, mas para tornar este meio mais confortável.

Essa socialização, e a utilização da linguagem, fez com que o homem percebesse que não precisava executar as tarefas que dominava. Sua cabeça, não mais primitiva,

percebeu que poderia usufruir do trabalho do outro, para o seu próprio bem estar, poderia obrigar outros a executar o trabalho que ele havia planejado.

Partindo daí, há que se falar da dialética entre os valores do território e o poder do dinheiro e da política globalizante. A utilização do trabalho passou a representar muito para o sistema capitalista e para a manutenção do interesse financeiro.

A Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores (EJAT) tem papel determinante para os nossos alunos que buscam melhores condições de vida e, principalmente, o reenquadramento social. E embora saibamos da realidade que enfrentamos, precisamos contribuir para a formação destes indivíduos, para a criação de valores sociais e humanos e prepará-los para a produção de conhecimentos específicos (mesmo sabendo que o nosso aluno não compreende o que lê, nosso currículo apresenta a necessidade de ensiná-lo a classificar as orações subordinadas substantivas, por exemplo). Neste sentido, é inevitável que nos questionemos diariamente quanto à efetividade do trabalho que desempenhamos.

O acesso à educação, como propõe o texto *Marx e Engels: crítica da educação e do ensino*, de Roger Dangeville (2011), ainda é determinado pela realidade social de cada indivíduo e, desde os primórdios, já segregava o trabalhador. O autor explica que

a primeira grande divisão do trabalho – a separação da cidade e do campo – já condenou a população rural a milhares de anos de embrutecimento, e os cidadãos à submissão ao ofício individual. (...) Ao dividir o trabalho, divide-se igualmente o homem, sendo todas as outras potencialidades intelectuais e físicas sacrificadas ao aperfeiçoamento de uma atividade única. (DANGEVILLE, 2011, p. 109)

A análise superficial do comportamento dos alunos da EJAT aponta que o aluno atendido por esta modalidade de ensino, mesmo que de forma inconsciente, não acredita ser digno de acesso irrestrito à educação e à cultura. Dangeville (2011) apresenta as bases históricas para a construção de tal perspectiva, esclarecendo que

a divisão social do trabalho faz com que a atividade intelectual e material, o prazer e o trabalho caibam em partilha a indivíduos diferentes, e tem, entre outras consequências nefastas para o trabalhador, a oposição entre riqueza e pobreza, depois entre saber e trabalho. (DANGEVILLE, 2011, p. 110)

A partir do momento em que se aborda o problema da cultura, da ciência, das artes e das letras de uma sociedade, encontramos-nos na esfera a que o marxismo chama as superestruturas, que são o produto da base econômica, ou seja, do trabalho da classe produtiva de que as classes privilegiadas se apropriam.

No decorrer da história da humanidade a escrita e a leitura vão alcançando papéis de relevância e reconhecimento social. As marcas da dominação européia permeiam o

contexto atual da educação brasileira e toda a história de leitura no âmbito nacional. O nível cultural do país reflete, ainda hoje, as violações e retardamentos que sofremos. A história da leitura no Brasil é marcada por discussões acerca do acesso à escola, do papel que ela desempenha, das técnicas que ela emprega no processo de alfabetização e no uso que faz de livros e textos. As altas taxas de analfabetismo são heranças coloniais que configuram uma grande barreira a ser transposta quando falamos em ensino e disseminação igualitária da leitura e da escrita. Os métodos de alfabetização utilizados até hoje não alcançam a sociedade como um todo, excluindo principalmente os jovens e adultos trabalhadores, já que não condizem com a realidade social da maior parte destes indivíduos.

## **5 – Objetivos:**

### **5.1 – Objetivo Geral:**

Permitir ao estudante, por meio da leitura e do estudo da Literatura Modernista Brasileira, atuar como protagonista do processo de ensino e de aprendizagem para que possa ser um cidadão participativo na sociedade, desenvolvendo a autonomia intelectual e o pensamento crítico.

### **5.2 – Objetivos específicos:**

- ❖ Conhecer e vivenciar aspectos literários, históricos, artísticos e culturais do Modernismo;
- ❖ Desenvolver a habilidade do aluno de contextualizar as obras literárias e os textos lidos;
- ❖ Despertar o senso crítico dos alunos e a capacidade de assimilação;
- ❖ Proporcionar o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética.

## **6 – Atividades/responsabilidades:**

### **Relação dos passos/fases para a aplicação das atividades**

Considerando a extensão do conteúdo previsto para o 3º semestre do 3º segmento da Educação de Jovens e Adultos, referente à 3ª etapa do Ensino Médio, achamos por bem nos deter em literatura, especificamente no estudo de um dos expoentes mais consistentes do movimento modernista brasileiro, a obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, vez que, a leitura, a reflexão e a análise da obra, seriam suficientes – embora não sejam as únicas maneiras eficientes – para entender o Modernismo brasileiro, além de clarificar ideias

presentes na obra, que são extremamente necessárias para a formação de um cidadão crítico, como: a falta de definição de um caráter nacional, a cultura submissa e dividida no Brasil, o descaso para com as nossas tradições, a importação de modelos socioculturais e econômicos, a discriminação linguística entre outras.

### **Período letivo para aplicação e análise crítica**

Foram programadas 06 (seis) aulas, sendo uma aula dupla, para desenvolver os objetivos a que esse plano se propõe, que é o de expor, discutir e analisar o Modernismo nacional, sem deixar de tocar nas questões intrínsecas citadas acima que permearam todo esse período. Pressupõe-se que o professor, antes de iniciar a atividade, já tenha trabalhado em sala, de preferência com a mesma metodologia que vai ser usada a seguir, e com adequação do tempo de acordo com as necessidades da turma, o Pré-Modernismo e a Semana de Arte Moderna para que assim possamos trabalhar nas aulas propostas o diálogo entre o movimento literário modernista e a realidade social brasileira.

### **Aplicação das atividades**

#### **Primeira aula**

- ❖ Iniciar a atividade com uma breve explanação sobre o contexto em que o Modernismo está situado informando os principais acontecimentos históricos, utilizando o livro didático e outras bibliografias como apoio. Em seguida entregar aos alunos poemas de diferentes autores modernistas, como o *Poema Tirado de Uma Notícia de Jornal*, *Poética* e *Pneumotórax*, de Manuel Bandeira, *Erro de Português* e *Minha Terra tem Palmares*, de Oswald de Andrade;
- ❖ Sugerir a formação de grupos de 05 (cinco) pessoas para discussão do contexto histórico exposto e a leitura decodificadora de textos indicados;
- ❖ Ainda em grupos, pedir para os alunos identificarem características nos textos que são comuns entre si e comuns ao contexto histórico já conhecido, propondo uma leitura voltada para a compreensão;
- ❖ Escrever cartazes topicalizando as características identificadas cada grupo nos textos;
- ❖ Para finalizar, solicitar que os alunos tentem realizar a leitura inicial da obra *Macunaíma*, de Mário de Andrade, dando ênfase no objetivo de compreender mais que o sentido das palavras, apropriando-se das ideias que o autor pretendeu transmitir.

## Segunda aula

- ❖ Fazer um círculo para discussão acerca das impressões do livro *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*.
- ❖ Enfatizar a importância de identificar nos diversos tipos de textos as características modernistas;
- ❖ Orientar a leitura sistematizada em sala de aula da carta original de Pedro Álvares Cabral quando da chegada ao Brasil e fazer comparação com o capítulo Carta pras Icamíabas, do livro *Macunaíma*.
- ❖ Após leitura da carta, voltar a formar um grande grupo para comentários do texto. Introduzir e explicar as contradições vividas pelo Brasil àquela época e mostrar a ligação com a principal preocupação dos autores dessa fase da literatura nacional de busca da identidade cultural do país.

## Terceira aula

- ❖ Apresentação das telas *Abaporu* e *Antropofagia*, de Tarsila do Amaral;



Figura 01. Abaporu, de Tarsila do Amaral, 1928, São Paulo.



Figura 02. Antropofagia, de Tarsila do Amaral, 1929, São Paulo.

- ❖ Exposição da relação das ideias contidas nas telas com as de *Macunaíma*;
- ❖ Promover o debate das principais características do movimento modernista brasileiro, com o objetivo de suscitar a reflexão acerca do espírito do movimento modernista, em sua diversidade e contradições;
- ❖ Relativizar a ruptura estética promovida pelos modernistas;



- ❖ Tomar contato com outra estética literária, produzida por autores de outras escolas, lendo o *Soneto 12*, de Olavo Bilac, ressaltando o esquema das rimas e da métrica e a temática, ainda ligadas à estética literária de fins do século 19;
- ❖ Declamação de *Os sapos*, de Manuel Bandeira, por todos os alunos, para que, em seguida, haja uma reflexão sobre a crítica contida no poema e a significação dessa crítica relacionada a todo o conteúdo já visto.

#### **Quarta aula**

- ❖ Exposição do panorama do Modernismo Brasileiro feito no quadro através de topicalização das características do movimento, elucidação dos principais autores e obras do período e suas contribuições para a formação desta escola literária;
- ❖ Leitura de fragmentos de o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* e de o *Manifesto Antropófago*, ambos de Oswald de Andrade, que pregavam a autenticidade e a originalidade nacionalista, com forte teor crítico e anárquico suscitando a rememoração das telas já trabalhadas em sala de Tarsila do Amaral.
- ❖ Explicação a respeito do Modernismo de 22-30 e sua importância no combate à arte acadêmica e bacharelesca, traçando em sala de aula uma comparação entre as demais escolas, trabalhando o Parnasianismo como o alvo principal a fim evidenciar o caráter "heróico" ou "destruidor" modernista, manifestado através de recursos estilísticos predominantes, tais como a ironia, a paródia, a piada e o deboche.
- ❖ Exploração de aspectos estruturais utilizados por Mário de Andrade para compor a obra *Macunaíma* dando ênfase às características que constituem a personagem principal desse romance modernista confrontando com o retrato do povo brasileiro e da formação de sua cultura.
- ❖ Suscitar questões referentes à linguagem utilizada pelos autores modernistas e principalmente por Mário de Andrade, trabalhando aspectos como: o folclore brasileiro, cultura indígena, o mito, miscigenação de valores morais do povo brasileiro em formação.
- ❖ Solicitar para a próxima aula a entrega individual de resenha crítica avaliativa do livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade, comparando-o aos demais textos modernistas estudados e temas discutidos em sala.

#### **Quinta aula (duplo horário)**

- ❖ Apresentação na sala de vídeo da escola do filme *Macunaíma – o herói sem nenhum caráter*, de Joaquim Pedro de Andrade. Globo Vídeo. 1969;

- ❖ Interferências do professor em determinados momentos do filme para esclarecimentos pertinentes;
- ❖ Depois de assistirem todo o filme, propor um pequeno debate acerca dos principais trechos do filme, contextualizando as idéias mencionadas por ele e sua correlação com os aspectos da cultura popular brasileira;
- ❖ Propor trabalho de pesquisa extraclasse acerca da abordagem social, cultural e política do livro e filme apresentados.

### Sexta aula

- ❖ Recolher pesquisa de caráter avaliativo que contará como parte da avaliação do aluno, juntamente com resenha já entregue, participação nas aulas e envolvimento do aluno com os assuntos trabalhados;
- ❖ Sugerir a formação de um círculo dentro da sala de aula para a discussão;
- ❖ Propor debate a respeito da formação cultural brasileira e reflexos no contexto atual;
- ❖ Lançamento de perguntas-provocações, a fim de instigar os alunos a participarem efetivamente da discussão;
- ❖ Verificar quais foram as impressões e créditos acumulados no decorrer do desenvolvimento de todas as atividades realizadas em sala de aula.

### 7- Cronograma:

ATIVIDADES	MARÇO				ABRIL			
	1	2	3	4	1	2	3	4
Primeira aula								
Segunda aula								
Terceira aula								
Quarta aula								
Quinta aula								
Sexta aula								

### 8- Parceiros:

Para o desenvolvimento das atividades propostas contaremos com o envolvimento e participação dos professores de Língua Portuguesa da EJA, dos alunos, da coordenação pedagógica e da direção da escola.

## 9 - Orçamento:

Para a execução do projeto serão utilizados os recursos disponíveis na escola: livro didático adotado pela escola que aborde o panorama teórico do Modernismo no Brasil; quadro; pincel; cartolinas; alguns pincéis atômicos; folhas fotocopiadas com fragmentos de textos literários e Data Show.

## 10 - Acompanhamento e avaliação:

Espera-se que ao final de todos os trabalhos mencionados o aluno tenha assimilado boa parte do arcabouço teórico do Modernismo Brasileiro. Contudo, o alvo precípuo de todas as atividades realizadas é conduzir o educando pelos caminhos da leitura sendo capaz de identificar a necessidade do ato de ler e compreender a partir da leitura toda a conjuntura sócio-histórico-cultural na qual ele está inserido.

Trabalhar a leitura em sala de aula possibilita ao aluno a transposição do universo imaginário e simbólico da obra literária para o universo real tanto do autor quanto do leitor, possibilitando a utilização da leitura como instrumento eficaz na socialização do indivíduo e de suas perspectivas.

As avaliações serão realizadas ao longo da execução do projeto, quando consideraremos a participação e envolvimento dos alunos nas atividades, a prática oral e escrita e a interação com entre o grupo de alunos.

## 11 - Referências

- AGUIAR, Vera T. de & BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor**.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. v. 1.
- CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- DANGEVILLE, Roger. Marx e Engels: crítica da educação e do ensino. In: Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Londrina, v. 3, n. 2, p. 109-134, dez. 2011.

ENGELS, Friederich. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. Disponível em: < <https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>> Acesso em: 18 de fevereiro de 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1982.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 20ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1987.

GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste. 1987.

\_\_\_\_\_. **A leitura na sala de aula**: as muitas faces de um leitor. Série Ideias n.5. São Paulo: FDE, 1988. Páginas: 79-84

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1996.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura e formação do gosto** (por uma pedagogia do desafio do desejo). Série Ideias n.13. São Paulo: FDE, 1994. Páginas: 101-106

MARTINS, Maria H. **O que é leitura**. 10 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MASINI, Maria Lúcia Hage e MAIA, Suzana Magalhães. **A leitura enquanto prática social e a intervenção da escola**. Série Ideias n.5. São Paulo: FDE, 1988. Páginas: 73-76

MAUÉS, Flamarion. **A exclusão da leitura**. In: Revista Teoria e Debate. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, n. 50, fev./mar./abr.2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. São Paulo. Cortez. 2000.

PERISSÉ, Gabriel. *Ler, pensar e escrever*. 5 ed. São Paulo: Linguística, 2011. Disponível em: <[http://www.perisse.com.br/Ler\\_Pensar\\_Escrever\\_o\\_livro.htm](http://www.perisse.com.br/Ler_Pensar_Escrever_o_livro.htm)> Acesso em: 03 de janeiro de 2014.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A Importância da Leitura na Sociedade Contemporânea e o Papel da Escola Nesse Contexto**. Série Ideias n.13. São Paulo: FDE, 1994. Páginas: 37-42

SILVA, Maurício. **Repensando a leitura na escola**. Um outro mosaico. 3ª ed. Niterói: EduFF, 2002.

SILVA, Rosa Amélia Pereira da. **Compreender o ato de ler e praticar a leitura na vida e na escola**. Grupo Literatura, Ensino e Recepção – LER – UnB, 2006. Disponível em: < <http://ler.literaturas.pro.br/imprime.jsp?conteudo=2>> Acesso em: 04 de janeiro de 2014.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**. São Paulo: Ática, 1986.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2003.

ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**. 7ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

\_\_\_\_\_. **Leitura**: história e sociedade. Série Ideias n.5. São Paulo: FDE, p.13-17. 1988.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **A leitura rarefeita**: livro e literatura no Brasil. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1995.